

## A PRÁTICA DO LETRAMENTO NA PERSPECTIVA DOS GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE GUARABIRA/PB

SANTOS<sup>1</sup>, Amanda Cavalcante (CH-UEPB)  
[amanda.ctgz@gmail.com](mailto:amanda.ctgz@gmail.com)  
SILVA<sup>2</sup>, Clarice Dantas (CH-UEPB)  
[claricedantasesilva@gmail.com](mailto:claricedantasesilva@gmail.com)  
SILVA<sup>3</sup>, Jaciara Soares (CH-UEPB)  
[jaciarasoarez@gmail.com](mailto:jaciarasoarez@gmail.com)  
SILVA<sup>4</sup>, Juliene Francelino (CH-UEPB)  
[julienecllemente@gmail.com](mailto:julienecllemente@gmail.com)  
COPPI<sup>5</sup>, Danielle dos Santos Mendes (CH-UEPB)  
[dsmcoppi@gmail.com](mailto:dsmcoppi@gmail.com)

### RESUMO:

É sabido que o letramento assim como os gêneros textuais/discursivos são perspectivas teóricas recentes para os estudos da linguagem em nosso país, ambas concepções estão diretamente relacionadas, pois emergem de uma necessidade de correlacionar os processos de leitura e de escrita aos contextos sociais. Outrora, às metodologias, às práticas desenvolvidas, os recursos utilizados pelos docentes pouco abordavam o social e suas relações que estão interligadas aos processos de construção de leitura e de escrita, fazendo do aluno apenas um sujeito leitor e não pondo em evidência o agente social que cada estudante representa. Diante disso, este trabalho concerne em apresentar como tem sido entendida e desenvolvida a teoria do letramento por meio da perspectiva dos gêneros textuais/discursivos em turmas de 8º anos numa escola pública, de Guarabira, estado da Paraíba. Recorremos as informações de cunho específico, ou seja, captamos o conteúdo utilizado para desenvolvimento da aula, as atividades desenvolvidas pelos discentes e os recursos que o professor fez uso. A pesquisa teve como base teórica os estudos de autores como: Antunes (2003), Soares (2010), entre outros que contribuíram consideravelmente para elaboração do trabalho. Além disto, obtivemos um resultado que expõe o quanto o professor entende a necessidade de se ensinar letrando e conhece os aspectos que propõe o letramento mediado a partir dos estudos dos gêneros textuais/discursivos, entretanto, ainda não se existe um domínio pedagógico eficaz para que se concretize o ensino-aprendizagem pautado nos parâmetros sociais em que os alunos e suas produções de leitura e de escrita estão inseridas.

**Palavras-chave:** Leitura e Escrita, Letramento, Gêneros textuais/discursivos, Social.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Português – UEPB.

<sup>2</sup> Graduanda em Letras Português – UEPB.

<sup>3</sup> Graduanda em Letras Português – UEPB.

<sup>4</sup> Graduanda em Letras Português – UEPB.

<sup>5</sup> Professora Mestra – UEPB.

## 1 INTRODUÇÃO

O letramento trata-se de uma perspectiva recente na área educacional, que corresponde ao processo de pensar a leitura e a escrita em sintonia com os contextos sociais em que tais práticas estão inseridas.

Assim sendo, este trabalho objetiva apresentar como tem sido desenvolvida as práticas de letramento de um professor de Língua Portuguesa do ensino fundamental II, da rede municipal de Guarabira/PB. Posto isso, relataremos uma experiência vivida em sala de aula com intuito de apontar como é entendida e aplicada a teoria do letramento através dos gêneros textuais/discursivos, expondo os caminhos utilizados pelo professor, descrevendo questionamentos e possibilitando possíveis sugestões para um melhor rendimento das aulas que são edificadas com base nessa teoria.

Ademais, a partir de observações e reflexões acerca das atividades desenvolvidas no lócus da pesquisa, percebemos que a diversidade dos gêneros textuais/discursivos trabalhados na escola ampliam a perspectiva do letramento, uma vez que os estudos de leitura e de escrita estão ligados diretamente às práticas sociais.

Desse modo, constatamos que essa concepção é essencial para que as práticas dos docentes se tornem mais eficazes e os alunos tenham mais interesse, desenvolvendo a significação do que se é estudado e não apenas decodificando o que lhes fora apresentado sem contextualização com o social.

A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo, numa escola da rede municipal do município de Guarabira, estado da Paraíba. Observamos como o professor de Língua Portuguesa trabalha a perspectiva do letramento nas turmas dos 8º anos do Ensino Fundamental. Esta pesquisa teve como base teórica para análise das práticas desenvolvidas os estudos desenvolvidos por Soares (2010), Marcuschi (2002), Bakhtin (2010), entre outros.

## 2 O LETRAMENTO E OS GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS: UMA RELAÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA

O letramento é um termo recente no Brasil. Sabe-se que ele fora utilizado na área educacional do país apenas no final do século XX, quando o índice de analfabetismo brasileiro era bem mais instável e o número de reprovações apresentava-se em um alto grau. Com isso, observa-se a necessidade de um termo que seja propício para definir o inverso do que sugere o analfabetismo, ou seja, o alfabetismo ou letramento escolar, com intuito de romper a demanda desordenada de indivíduos que não obtinham um bom desempenho nas fases escolares iniciais.

O surgimento dessa nova palavra deriva de uma análise dos estudiosos da década de 80 a respeito do analfabetismo, que consiste no ato de não ler e escrever nas primeiras

fases de ensino e aprendizagem. Ao analisar a fase crítica da alfabetização e os altos índices de reprovação, autoras como Kleiman, Soares, percebem que não bastava apenas alfabetizar, mas fazer com que o educando, agente social, além de ler e escrever, compreendesse a função social destas habilidades linguísticas que caminham juntas.

Logo, as primeiras definições do que viria a ser o letramento são desenvolvidas no Brasil pelas estudiosas Mary Kato, no livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, Angela Kleiman em *Alfabetização e Letramento* e, mais adiante, aprimoradas pela autora Magda Soares, que hoje é considerada umas das maiores estudiosas desse campo de estudo da linguagem.

Vejamos o que nos diz Soares (1995) sobre o surgimento desse novo termo:

O surgimento do termo literacy (cujo significado é o mesmo de alfabetismo), nessa época, representou, certamente, uma mudança histórica nas práticas sociais: novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. Ou seja: uma nova realidade social trouxe a necessidade de uma nova palavra (SOARES, 2011, p. 29).

O letramento não é uma metodologia de ensino, mas um eixo teórico que permite ao aluno uma interação mais significativa com as práticas sociais de leitura e de escrita, ou seja, é uma perspectiva que promove a elevação do conhecimento e permite que este seja produzido a partir das suas vivências particulares e individuais.

Outrossim, mais adiante, bem por volta dos anos de 1997, surge uma outra concepção nos estudos da linguagem, sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – a proposta educativa não tradicional denominada de gêneros textuais/discursivos.

Os gêneros textuais/discursivos surgem com a finalidade de desmistificar e ampliar os estudos do texto em uma perspectiva não apenas linguística, mas sobretudo, funcional. Para isso, foi necessário utilizar-se das práticas de letramento que avaliam não só o conteúdo, mas o contexto social e histórico ao qual o texto estudado pertence.

Para Marcuschi, é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto (RIBEIRO, 2003 *apud* MARCUSCHI, 2002, p. 22). À vista disso, podemos ratificar que os gêneros textuais são eventos históricos atrelados à vida social e cultural, são, portanto, grandes contribuintes para a estruturação das atividades comunicativas habituais e têm por finalidade a interação, isto é, funcionam como um suporte para que haja comunicação, seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita.

Os gêneros emergem a partir de necessidades socioculturais, de inovações, visto que um gênero já existente tem a capacidade de gerar um novo, assim, à medida que surgem novos gêneros textuais, alguns arcaicos deixam de existir (MARCUSCHI, 2002).

Dentro dessa perspectiva, Marcuschi (2002) aponta uma flexibilidade dos gêneros, visando a dinamicidade e seus aspectos comunicativos, cognitivos e institucionais, considerando que evoluem conforme a globalização da demanda social. Ainda convém lembrar que, em diversas situações o estilo será responsável pela determinação do gênero, em outras serão as funções, e haverá situações em que o suporte e/ou ambiente será responsável pela determinação do gênero vigente.

Bakhtin (2010) evidencia a heterogeneidade de gêneros, classificando-os em discursivos primários e secundários. Estes últimos são também conhecidos como complexos, uma vez que surgem em circunstâncias que estão ligadas à evolução da comunicação cultural, mais desenvolvida e organizada, em especial à escrita.

No que diz respeito aos gêneros primários, se constituem a partir de circunstâncias da vida cotidiana, por exemplo, uma troca de informações na rua. Faraco (2003) explicita, ainda, que os gêneros primários fazem parte daqueles da ideologia do cotidiano e os secundários estão introduzidos aos sistemas ideológicos constituídos.

Vale dizer que há diferentes perspectivas quanto ao trabalho com gêneros, tendo em vista que são aspectos organizadores da vida na sociedade. Diante disso, Oliveira (2009) evidencia que:

A natureza performativa dos gêneros coloca em questão: os gêneros podem ser ensinados? Se podem, que sentido devemos atribuir à palavra ‘ensino’? Se entendemos ‘ensino’ como ‘instrução’, é evidente que não poderemos ensinar os gêneros. O que nesse sentido se ensina é a sua dimensão textual – os textos – e fazer isso é ter uma visão parcial dos gêneros. Se o entendemos como ‘imersão’, assumimos que os gêneros podem ser objetos de ensino, uma vez que a sua apropriação ocorre de modo situado, orientado por propósitos reais. Esse modo de ‘ensinar’ com os gêneros e não sobre os gêneros requer inserir os alunos numa verdadeira ‘etnografia’ das práticas de linguagem (DEVITT, A.; REIFF, M. J.; BAWARSHI, A., 2004, apud Oliveira, 2009, p. 16)

Quanto ao processo de letramento há também muitas concepções: o letramento cultural – este objetiva-se na ideia fundamental de que o aluno domine a maior quantidade de gêneros, para que assim circule em inúmeros campos discursivos. Divergente deste, no letramento crítico a proposta é de apropriação, ou seja, é necessário adequar os gêneros primordiais para interação no mundo, determinar práticas condizentes à necessidade comunicativa. A execução dessas práticas, no ambiente escolar, depende do propósito de quem educa, do ensino destinado às crianças, jovens e adultos.

Os projetos de letramento asseguram um papel transformador na vida humana, em especial para os jovens, uma vez que as práticas de letramento desenvolvem o senso crítico, “libertam olhos vendados”, evidencia a importância da participação em causas sociais. Além disso, funciona como uma maneira de aumentar as chances de ascensão dos alunos, referimo-nos, principalmente, aos que pertencem às classes sociais desfavorecidas, que desacreditam da possibilidade de ocupar uma posição social de prestígio. Tal proposta se coaduna com o ideal freiriano de uma educação libertadora, capaz de alçar o homem a novos patamares.

### **3 APRESENTAÇÃO DO CORPUS**

A coleta de dados para esta pesquisa foi feita em uma escola da rede municipal, em uma turma do 8º ano, localizada no município de Guarabira-PB. A turma é composta por 35 alunos matriculados, com faixa etária de 13 a 14 anos. As observações tiveram duração de 2 (duas) semanas subsequentes.

A pesquisa dividiu-se em três momentos: no primeiro, foram feitas as observações iniciais buscando compreender de que forma o professor utiliza do gênero textual/discursivo como práticas metodológicas para o letramento; no segundo, nos detemos a acompanhar as atividades aplicadas afim de verificar se essas metodologias estão agindo de modo eficaz; e, por fim, apresentamos uma proposta de intervenção instituída por cinco passos como opção metodológica para o desenvolvimento de atividades com os gêneros textuais/discursivos.

### **4 ANÁLISES E DISCUSSÕES**

Sabendo da importância dos gêneros textuais/discursivos para o letramento, entendemos que esse mecanismo precisa ser explorado em qualquer nível de ensino, sobretudo nos níveis iniciais, quando o sujeito está construindo uma base que será determinante para o seu desenvolvimento intelectual e social. Por isso, o professor como responsável por mediar esse caminho que leva ao letramento, precisa estar atento à

métodos que agirão de maneira mais efetiva e que corroboram com as interações linguísticas do cotidiano, considerando que “[...]os novos estudos de Letramento vão além do processo de escolarização, ou seja, engloba uma variedade de fatores sociais, os quais influenciam diretamente as práticas de leitura e escrita.” (COPPI, 2016, p. 22).

No entanto, o ensino descontextualizado tem aparecido como um dos grandes desafios para o processo de ensino, pois este esvazia o sentido real do trabalho com o texto, agindo de modo superficial e fugindo da realidade do aluno. Em relação a isso, ANTUNES, 2003, p.19, enfatiza que:

Um exame mais cuidadoso de como o estudo da língua portuguesa acontece, desde o Ensino Fundamental, revela a persistência de uma prática pedagógica que, em muitos aspectos, ainda mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas. Nesses limites, ficam reduzidos, naturalmente, os objetivos que uma compreensão mais relevante da linguagem poderia suscitar — linguagem que só funciona para que as pessoas possam interagir socialmente. Antunes (2003, p.19)

Contudo, observamos que esse ensino retrógrado ainda ocupa um grande espaço nas salas de aula, agindo como um desestimulante para o processo de aprendizagem, uma vez que os estudantes não conseguem relacionar o que é estudado na escola com as suas práticas sociais.

No entanto, é importante salientar que o docente não é o único responsável por aplicar essa dinâmica de ensino, pois, geralmente, o educador é sujeito a seguir as regras impostas pelo sistema escolar, estabelecendo o uso do livro didático, o qual ainda é alvo de diversas críticas uma vez que evidencia uma perspectiva abstrata de língua com ênfase à perspectiva gramatical normativa, bem como a imposição para o seguimento de uma vertente tradicional. A respeito dessa discussão, Coppi (2016, p.14) destaca que:

Sabemos que a escola, principal agência de letramento, deve ter como princípio preparar o educando para se inserir nas diversas situações comunicativas, entretanto, nem sempre este princípio é efetivado, uma vez que algumas práticas de ensino pouco consideram o que o estudante utiliza em suas interações linguístico-cotidianas.

A respeito disso, Antunes (2003, p.37) também ressalta que: “É, pois, um ato de cidadania, de civilidade da maior pertinência, que aceitemos, ativamente e com determinação, o desafio de rever e de reorientar a nossa prática de ensino da língua.”, por isso, partimos do

pressuposto de uma conscientização/mudança que venha do sistema e alcance os professores de forma direta, posto que: “[...]o ensino de Língua Portuguesa precisa ocorrer mediante práticas situadas, isto é, aquelas que ocorrem em situações reais de uso da língua.” (COPPI, 2016, p. 15).

Dito isto, observemos como se deu a metodologia empregada pelo professor do nosso campo de pesquisa ao realizar uma atividade utilizando-se do gênero crônica.

Para tal atividade, o professor usou a crônica “*Emergência*”, de Luís Fernando Veríssimo, a qual narra o drama de um homem que vivencia a experiência de viajar de avião pela primeira vez. Tal atividade aparecia como sugestão no livro didático da série, sendo composta por sete questões interpretativas, tendo a aplicação de apenas cinco. Assim sendo, utilizamos as respostas de um dos discentes (vale ressaltar que por questões de ética na pesquisa, o educando será identificado aqui como D1) no intuito de verificar os resultados da metodologia aplicada. Vejamos a atividade com as respectivas respostas dadas pelo aluno D1:

### Interpretação do texto

#### Compreensão

1. A crônica lida apresenta fatos ocorridos em diferentes momentos de uma viagem de avião. Responda no caderno: quais são as reações do passageiro em destaque quando o avião:

- a) Está parado?
- b) Ganha velocidade para levantar voo?
- c) Está no ar?

**RESPOSTA DO D1:** alternativa “B”

2. Por que o narrador afirma: “É a última espiada que dará pela janela”?

**RESPOSTA DO D1:** “por causa da voz desconhecida descarnada”

3. Que situação desencadeia o maior descontrole do passageiro? Por quê?

**RESPOSTA DO D1:** “por causa dos cintos de segurança”

4. Quem narra os fatos da crônica?

- a) O passageiro do lado.
- b) A aeromoça.
- c) O narrador-personagem (1° pessoa).
- d) Um narrador observador (3° pessoa).

**RESPOSTA DO D1:** marcou a alternativa “B”

5. Releia e explique a resposta do passageiro.

**[...]A aeromoça vem lhe oferecer um jornal, mas ele recusa.**

**— Obrigado. Não bebo.**

**RESPOSTA DO D1:** “ela veio oferecer uma bebida para ele fica calmo”

Após observarmos as respostas, vimos que o discente não conseguiu responder a nenhuma das questões, visto que as respostas não condizem com o esperado após o estudo minucioso do gênero crônica e da obra de Luís Fernando Veríssimo. Portanto, não é difícil perceber que as metodologias empregadas não estão correspondendo ao esperado, visto que tais metodologias correspondem a apresentação da crônica de forma descontextualizada, não alcançando a todos os alunos. Sendo assim, urge um olhar mais preciso e mudanças em tais estratégias de ensino.

Em tal caso, notando todos os aspectos que norteiam a objeção de recursos eficazes para o processo do letramento na turma, urge a necessidade de buscar meios para o alcance de um resultado positivo no âmbito de pesquisa. Assim sendo, apresentaremos a seguir um projeto de letramento como proposta de intervenção.

### **PROJETO DE LETRAMENTO: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

Para (OLIVEIRA, op. Cit., p. 99 *apud* PEREIRA 2011, p. 19) o projeto é: “[...]mais que um texto, corresponde a uma forma de ação no mundo organizada para atingir interesses individuais e sociais, estando sistematicamente associada à noção de

problema”. Sendo assim, para se trabalhar com projetos de letramento e compreender que eles servem como mecanismos para o ensino da língua, é preciso que haja uma compreensão maior sobre o que significa trabalhar com a linguagem (PEREIRA, 2011, p. 18).

Sendo assim, vejamos a proposta a ser utilizada nas aulas de Língua Portuguesa:

**Passo 1:** discussão minuciosa dos gêneros e das obras literárias

No primeiro momento, para que as obras sejam apresentadas de modo agradável, a leitura deve ser feita de forma livre, sem imposições, tendo em vista que as obras não podem ser trabalhadas como pretexto para mais uma atividade que fuja do seu sentido real.

Aqui, deve ser realizada a leitura de diversos gêneros textuais, apresentando características estruturais e específicas de cada gênero. As leituras podem ser feitas fora da sala de aula de modo compartilhado, deixando que cada discente exponha suas expressões a respeito do que foi compreendido.

**Passo 2:** desenvolvimento de atividades lúdicas. Por meio dessas atividades o docente promoverá um ambiente mais interativo, fazendo assim com que os discentes se sintam inseridos em uma proposta diferente do que estão habituados. Aqui o docente pode oferecer dinâmicas que tenham ligação com o conteúdo do dia, promovendo rodas de conversas e jogos pedagógicos que explorem variados de gêneros textuais/discursivos.

**Passo 3:** realização de exercícios com diferentes gêneros e linguagens.

Neste passo o docente pode promover atividades de cunho gramatical utilizando dos mais variados gêneros e linguagens. Por meio das observações dos diversos gêneros, o docente deve propor exercícios como a identificação das classes gramaticais, interpretação de texto, identificação de figuras de linguagens, entre outras temáticas.

**Passo 4:** produção escrita.

O docente pode apresentar a escrita de modo interativo, motivando os discentes a escreverem sobre temas que condizem com a sua realidade, dando tempo para o aluno planejar, escrever e reescrever, visando a constatação do próprio discente diante da sua

escrita. Assim, o discente exercerá a criação de uma crítica a respeito da sua própria escrita.

#### **Passo 5:** atividade xerografada

Para esse passo o docente deve utilizar de atividades, obras, materiais que visem o contato dos discentes com o texto, propondo por meio deles a exploração visual e a oportunidade de explorar assuntos gramaticais distante das propostas que os livros didáticos oferecem. É interessante que a cada atividade proposta, o professor use-a para alguma finalidade, como exposições na própria escola, entre outros.

Para Coppi (2016, p. 20): “A língua é sem dúvida um instrumento de poder que muitas vezes pode incluir ou excluir indivíduos em um determinado meio social ou contexto comunicativo.” Por isso, após o término da proposta, espera-se que os discentes apresentem avanços significativos e esperados para a série na qual estão situados, tornando-se cidadãos aptos a interpretar e utilizar os códigos linguísticos, capacitados para exercer sua opinião discursiva em variados campos da linguagem.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As observações e análises propostas nesta pesquisa nos levam a compreender que a deficiência existente na educação básica resulta na falta de metodologias pedagógicas que auxiliem o professor a desenvolver com eficácia a perspectiva do letramento em sala de aula. Fala-se muito que o professor deve ressignificar o seu modo de mediar o conhecimento, no entanto, lhe falta formações contínuas, capacitações, e as vezes, melhores condições de trabalho para que sua atuação seja mais significativa.

Dito isso, constatamos o quanto é importante trabalhar sob à luz do letramento e como os gêneros textuais/discursivos norteiam essa corrente de estudo. Conseqüentemente, ambos estão relacionados e fazem com que o aluno adquira um aprendizado que esteja adequando-se ao seu modo de viver, tornando-o um sujeito-leitor atuante que não somente ler, escreve e interpreta textos, mas que compreende a funcionalidade de sua língua bem como dos seus contextos.

Logo, a leitura e a escrita, modalidades linguísticas, fazem emergir com a globalização social a necessidade de se educar letrando, pois é por meio dessas transformações sociais que se ergue novos gêneros textuais/discursivos, e, caberá ao professor, sendo ele a ponte mediadora do conhecimento, estabelecer essa relação de interação, que permite ao aluno compreender que as práticas de leitura e de escrita estão

para além da compreensão de sua realidade, ou seja, é a partir do letramento que o cidadão desenvolve seu pensamento crítico, torna-se um ser reflexivo capaz de se posicionar diante de situações distintas.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima; ARCOVERDE, Rosana Delmar de Lima. **Leitura, interpretação e produção textual.** Campina Grande; Natal: UEPB/ UFRN, 2017.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** 5º ed. - São Paulo: editora WMF Martins. Fontes, 2010.

BARROSO, T. **Gênero textual como objeto de ensino: uma proposta de didatização de gêneros do argumentar.** Signum: Estudos da Linguagem. 2011;14(2):135-156.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi. **Projeto Teláris: português: ensino fundamental 2 / Ana Maria Trinconi Bogatto, Terezinha Costa Hashimoto Bertin, Vera Lúcia de Carvalho Marchezi.** 2.ed. São Paulo: Ática, 2015.

CONGRESSO DE CÍRCULO FLUMINENSE DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGUÍSTICOS DA UERJ, 6., 2018, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio janeiro: UERJ, 2018. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xxii\\_cnlf/](http://www.filologia.org.br/xxii_cnlf/). Acesso em: 16 de agosto de 2019.

COPPI, Danielle dos Santos Mendes. **Projeto de letramento: uma concepção social da escrita aplicada ao ensino de língua portuguesa.** 2016. 106 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira: UEPB, 2016.

KARWOSKI, A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** 3º ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, *apud* OLIVEIRA, Maria do Socorro. **GÊNEROS TEXTUAIS E LETRAMENTO/ GENRE AND LITERACY.** V SIGET: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais Internacional/ *Symposium on Genre Studies.* UFRN, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.) **Gêneros Textuais e Ensino.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MUNIZ, Edna Cristina da Silva. **Gêneros e práticas de letramento no ensino fundamental.** Tese apresentada ao programa de pós-graduação em linguística. Brasília, 2007. In\_ LEFFA, Wilson J. (Compilador). **Tela (textos em linguística aplicada) [DVD].** 4.ed. Pelotas: educat, 2009.

PEREIRA, Regina Celi Mendes (org.). **Entre teorias e práticas: o quê e como ensinar nas aulas de português.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**/Magda Soares. -4. Ed.-reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

Ribeiro da costa, Adriano; Antônio Marcuschi, Luiz; **O gênero textual artigo científico: estratégias de organização**. 2003. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras, universidade federal de Pernambuco, Recife, 2003.